

Chaveiro presta primeiros socorros

Cristine Gentil

Da equipe do **Correio**

O destino surpreendeu o chaveiro Alexandre Pinheiro, 26 anos, por duas vezes ontem. Primeiro, desviou o seu caminho e, depois, o interrompeu com uma tragédia.

Como todos os dias, Alexandre via da Ceilândia para o Plano Piloto pela via Estrutural às 7h. “Hoje (ontem) minha irmã tinha que fazer um exame, então saímos mais tarde, umas 8h, e resolvemos pegar a EPTG (Estrada Parque Taguatinga)”, lembrou. A rodovia é a continuação da avenida Elmo Serejo, em Taguatinga, onde o bate-estacas usado nas obras do metrô despencou e atingiu um ônibus, matando três pessoas.

O Apollo verde de Alexandre estava a 20 metros de distância do ônibus. “Quando estava perto da estação do metrô, comecei a ver aquela torre de ferro se mexendo bem devagar e percebi que ela estava caindo. Parecia que caía em câmera lenta. Não ouvi nenhum barulho porque estava com som alto e janelas fechadas, mas sabia que ti-

Joédison Alves



Alexandre agradece à mãe por ter benzido o carro antes de sair de casa

nha caído em cima de algum carro”, explicou Alexandre.

Alexandre parou o carro junto com mais duas pessoas. “Quando cheguei mais perto e vi aquela cena horrorosa, fiquei desesperado. Eu e mais quatro homens arrancamos a traseira do ônibus para tentar tirar as pessoas. Tentamos remover a torre com um guincho de carros, que também parou na hora do acidente, mas era muito pesada”, contou.

A primeira visão dos passageiros

foi dramática. O cabo da Polícia Militar Antônio Donizete Moreira, o único a morrer na hora, estava caído para o lado e com o “couro cabeludo levantado”, segundo Alexandre.

O chaveiro não esquece a imagem das pessoas feridas que estavam na parte traseira do ônibus. “Tinha um senhor magro todo cortado, um funcionário dos Correios completamente preso nas ferragens e uma senhora também muito cortada. Ela não falava nada. Ape-

nas se mexia muito e segurava com toda força um relógio”, lembra.

Assustado, Alexandre tentava tranquilizar uma passageira que teve as duas pernas quebradas e chorava muito. “Eu a peguei no colo para colocar na traseira de uma pick up que parou pra socorrer. Ela chorava muito e agradecia a Deus o tempo todo.”

Com os olhos cheios de lágrimas, que escorrem vez por outra durante o relato, Alexandre acha que foi poupado da tragédia. “Eu vinha na pista ao lado da que o ônibus estava. Se estivesse um pouco mais rápido tinha parado ao lado dele no sinal e tinha sido atingido em cheio”, acredita.

Religioso, Alexandre acredita que foram as orações da mãe que os livraram — ele e a irmã Neide — de ser vítimas do acidente. “Hoje (ontem) de manhã, ela saiu pela casa rezando Pai Nosso e benzendo a gente e nossos carros. Parecia que sabia o que aconteceria.”

Único solteiro de uma família de 13 irmãos, ele acha que fez o que qualquer pessoa faria no lugar dele. “Não foi nada demais, nenhum ato heróico.”